

O MEDO NO CINEMA

O cinema aprendeu com maestria a manipular o instinto milenar do medo. No ambiente seguro de uma sala climatizada, e no conforto de poltronas estofadas, ele nos oferece estímulos que enganam nosso cérebro como se estivéssemos prestes a presenciar a materialização de um inimigo real

POR MARTIN JAYO

O medo é uma das experiências mais antigas e instintivas do ser humano. Em todas as épocas e culturas, nossa reação ante situações de ameaça ou de perigo iminente tem sido exatamente a mesma. Numa resposta autônoma (não voluntária), o cérebro envia às glândulas suprarrenais uma ordem de liberar adrenalina. Despejada na corrente sanguínea, esta última provoca um efeito em cadeia, tão rápido quanto intenso: o coração se acelera, os músculos se retesam, as pupilas se dilatam, a respiração se torna ofegante, a atividade mental sobe às alturas.

Por meio desse mecanismo biológico, em uma fração de segundo nosso organismo se põe em estado de alerta, preparando-nos fisicamente para uma entre duas situações cabíveis: o ataque ou a fuga. Não fosse assim, a espécie humana dificilmente teria conseguido sobreviver aos seus predadores e espalhar-se pela terra como fez ao longo dos últimos 150 mil anos.

CORTE PARA A ATUALIDADE. Milênios de cultura alteraram a relação do homem com seu ambiente, e o mecanismo do medo já não é mais tão fundamental para nossa sobrevivência física. Para o bem ou para o mal, o meio ambiente e os perigos naturais estão razoavelmente dominados, e o homem moderno, ao contrário de seus ancestrais, já não convive mais com predadores a serem enfrentados em cada esquina.

Mas o mecanismo biológico do medo, presente em nosso código genético, permanece inalterado mesmo que já não necessitemos tanto dele. E com grande frequência ele se manifesta, em situações em que o perigo não é mais real, mas imaginário. Falar em público, dormir no escuro, ouvir trovões, viajar de avião ou mesmo andar de elevador são situações da vida moderna em que muitos de nós, com maior ou menor intensidade, continuamos experimentando o instinto do medo.



Manifestação cultural relativamente recente, o cinema aprendeu com maestria a manipular o instinto milenar do medo

Outra dessas situações é o cinema. Manifestação cultural com pouco mais de cem anos de existência, o cinema aprendeu com maestria a manipular o instinto milenar do medo. No ambiente seguro de uma sala climatizada, e no conforto de poltronas estofadas, ele nos oferece estímulos que enganam nosso cérebro e desencadeiam reações semelhantes às daquelas que uma vez garantiram a sobrevivência dos nossos antepassados: nosso corpo se prepara, involuntariamente, para o ataque ou para a fuga.

NASCIMENTO DO CINEMA. O cinema tem-se mostrado capaz de manipular o medo desde os seus primeiros momentos de vida. Em 1895, em Paris, os irmãos Auguste e Louis Lumière apresentavam pela primeira vez ao público a sua recente invenção, o cinematógrafo. Dez pequenos filmes foram exibidos na ocasião, e diz a lenda, embora não comprovada, que um deles, intitulado *Chegada de um trem em La Ciotat*, desencadeou uma reação de pânico entre os presentes. As imagens, que mostravam um trem de passageiros aproximando-se da câmera, teriam criado a impressão de que o trem avançaria na plateia. Os relatos do incidente dão conta de que as pessoas correram aos gritos para os fundos da sala, amontoando-se junto à saída.

Em 1896, o também francês Georges Méliès produziria aquele que é considerado o primeiro filme de terror da história. Diferentemente dos irmãos Lumière, que simplesmente faziam tomadas de situações e pessoas reais do dia-a-dia, Méliès acabara de introduzir os primeiros filmes narrativos. Com dois minutos de duração, *A mansão do diabo* (*Le manoir du diable*) é ambientado em um castelo sombrio, numa noite chuvosa. Um morcego entra no castelo e se transforma em Mefistófeles, encarnação do demônio. Junto com um exército de bruxas, fantasmas e outras criaturas saídas do interior de um grande caldeirão borbulhante, Mefistófeles acaba sendo vencido pela imagem de um crucifixo e se transforma em uma nuvem de pó. Mesmo a técnica rudimentar do cinema recém-nascido do século XIX já era usada por Méliès para assustar a plateia.

FILMES MUDOS. Depois dos pioneiros irmãos Lumière e Georges Méliès, o cinema continuou produzindo filmes povoados por vampiros, fantasmas e múmias, destinados a provocar o medo dos espectadores. Nos Estados Unidos, o gênero foi inaugurado em 1910 por *Frankenstein*, primeira adaptação do famoso romance de Mary Shelley, dirigida por J. Searle Dawley e produzida nos estúdios de Thomas Edison. Banido pela censura da época por ser considerado “profano”, o filme foi durante muitos anos dado por desaparecido, só sendo exibido pela primeira vez em 1997. Hoje em dia, suas imagens podem ser vistas na internet.

Mas foi na Alemanha, durante a depressão pós-Primeira Guerra Mundial, que os filmes mudos de terror tiveram seu maior desenvolvimento. *Nosferatu* (1922), de Friederich Murnau, é um dos exemplos mais clássicos dessa produção, adaptando para a tela o romance *Drácula*,

de Bram Stoker. O filme se insere no chamado cinema expressionista alemão, movimento que se caracterizou pelo clima angustiante e atemorizador produzido na tela a partir de efeitos de luz e sombra, distorções de imagem e angulações de câmera pouco convencionais. *O vampiro de Düsseldorf* (1931), do austríaco Fritz Lang, embora rodado quase dez anos depois, é outro título inserido na mesma tendência.

A REVOLUÇÃO PÓS-HITCHCOCK. A maneira como o cinema manipula o medo passou por uma radical mudança nas décadas de 1940 e 1950, graças ao cineasta inglês, radicado nos Estados Unidos, Alfred Hitchcock. Antes dele, os objetos do medo do público eram em sua grande maioria explícitos e visíveis. Fossem monstros ou múmias, vampiros ou demônios, sombras ou relâmpagos, era a sua aparição na tela o que de fato assustava as pessoas. Nos filmes de Hitchcock, ao contrário, o espectador passa a se aterrorizar, principalmente, com aquilo que não vê. É assim em *Psicose* (1960), entre outros filmes do autor. Hitchcock influenciaria o chamado “terror psicológico”, explorado nas décadas seguintes por diretores como Roman Polanski (*O bebê de Rosemary*, 1968), Stanley Kubrick (*O iluminado*, 1980) e até mesmo Steven Spielberg (*Encurralado*, 1971).

Os anos 1970 e 1980, por sua vez, seriam extremamente férteis no uso de efeitos especiais para aumentar o medo do público. Embora presente em produções hollywoodianas pelo menos desde o primeiro *King Kong*, dirigido em 1933 por Merian Cooper e Ernest Schoedsack, o recurso tornou-se

particularmente intenso a partir de *Tubarão* (Steven Spielberg, 1975) e *Poltergeist* (Tobe Hooper, 1982), clássicos do cinema de terror. Uma quantidade incalculável de filmes se seguiria, dos quais *Cloverfield* (Matt Reeves, 2008) talvez possa ser considerado um dos exemplos mais recentes.

CINEMA BRASILEIRO. Também no cinema brasileiro, a manipulação do medo se faz presente há muito tempo. O exemplo mais conhecido são os filmes de José Mojica Marins, cineasta “maldito” e *underground* de longa carreira, com pouco reconhecimento local, mas que vem alcançando, aos poucos, algum sucesso no exterior. *À meia-noite levarei sua alma* (1964), *Esta noite encarnarei no teu cadáver* (1966) e o recente *Encarnação do demônio* (2007) são seus principais títulos de terror explícito, o último tendo sido selecionado para exibição no Festival de Veneza em 2008. Marins, por sinal, também atuou em *Filmefobia*, um polêmico filme-experimento misturando ficção e documentário, dirigido por Kiko Goifman e premiado no Festival de Brasília de 2009.

Nos anos recentes, no entanto, tem surgido no cinema nacional uma nova forma de explorar o medo do espectador, sem qualquer relação com o estilo de Marins. São filmes que incorporam como temática a violência urbana e, ao mostrá-la sem disfarces na tela, acabam despertando mais medo no espectador do que qualquer filme de terror. Títulos como *O invasor* (Beto Brant, 2001), *Cidade de Deus* (Fernando Meireles, 2002) ou *Tropa de elite* (José Padilha, 2007) são exemplos desse gênero, tão novo quanto assustador, de filmes brasileiros. ✕

MARTIN JAYO, Professor da FGV-EAESP, martin.jayo@fgv.br